



KARÍOKA  
CARLOS VERGARA

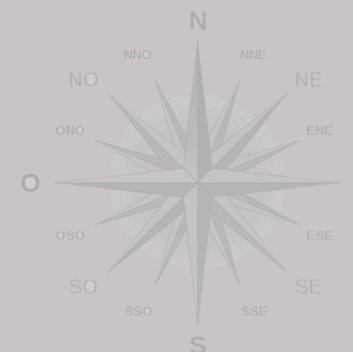


São incontáveis as palavras de origem indígena que, incorporadas à língua portuguesa, fazem parte do nosso vocabulário cotidiano.

O termo "Carioca", que identifica quem nasceu no Rio, também revela o vínculo profundo das raízes tupis com a cidade, embora exista certa controvérsia sobre a origem exata da palavra. A versão mais difundida é a de que o vocábulo "carioca" é uma fusão de kara'íwa (ou simplesmente kari: caraíba, homem branco) com oka (casa), mas há quem defenda que, na verdade, a junção correta seria de akari (peixe cascudo associado aos portugueses, por causa das armaduras usadas) com oka.

Antigos documentos relatam que o rio Carioca era bem mais caudaloso e pelo seu curso subiam canoas, direcionadas ao interior, que traziam produtos das chácaras situadas no Vale das Laranjeiras.

# KARI'OKA



A desembocadura do rio com o mar, onde hoje é a Praia do Flamengo, servia como fonte de abastecimento às embarcações que, a partir do descobrimento, pela ausência de porto, lançavam suas âncoras na Baía de Guanabara. Daí a sua primeira denominação: Aguada dos Marinheiros.

Pequeno, degradado, mas de grande importância histórica, ambiental e cultural, o Carioca é considerado o primeiro provedor de água potável da cidade e também o primeiro rio urbano do Brasil.

Esse mesmo rio que fornecia água potável aos habitantes do Rio, os cariocas, hoje esquecido e abandonado é usado como lixo e esgoto por esses mesmos moradores.

Ainda desconhecido por muitos, o rio Carioca é patrimônio histórico e cultural e precisa urgentemente ser preservado e recuperado pelo cidadão carioca.



# KARI'OKA



O Projeto KARI'OKA parte do olhar poético do consagrado artista Carlos Vergara tentando tornar visível o rio mais emblemático da Cidade do Rio de Janeiro, o Carioca.

O ateliê do artista fica no bairro de Santa Teresa, cuja origem se deu pela canalização do Carioca em direção a crescente cidade.

O rio é um sinal do devir, do vir a ser, está sempre lá, mas nunca é o mesmo. O rio é esse fluxo, que captado nas pinturas e monotipias do artista, será visto de uma nova forma.

Vergara pinta com a água do rio e faz monotipias em suas margens. Procura sentir e dar visibilidade ao seu murmúrio silencioso.

*"Os rios, estes seres que sempre habitaram o mundo de diferentes formas, são quem me sugerem que se há um futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui."*

Ailton Krenak - "Futuro Ancestral"



# KARI'OKA

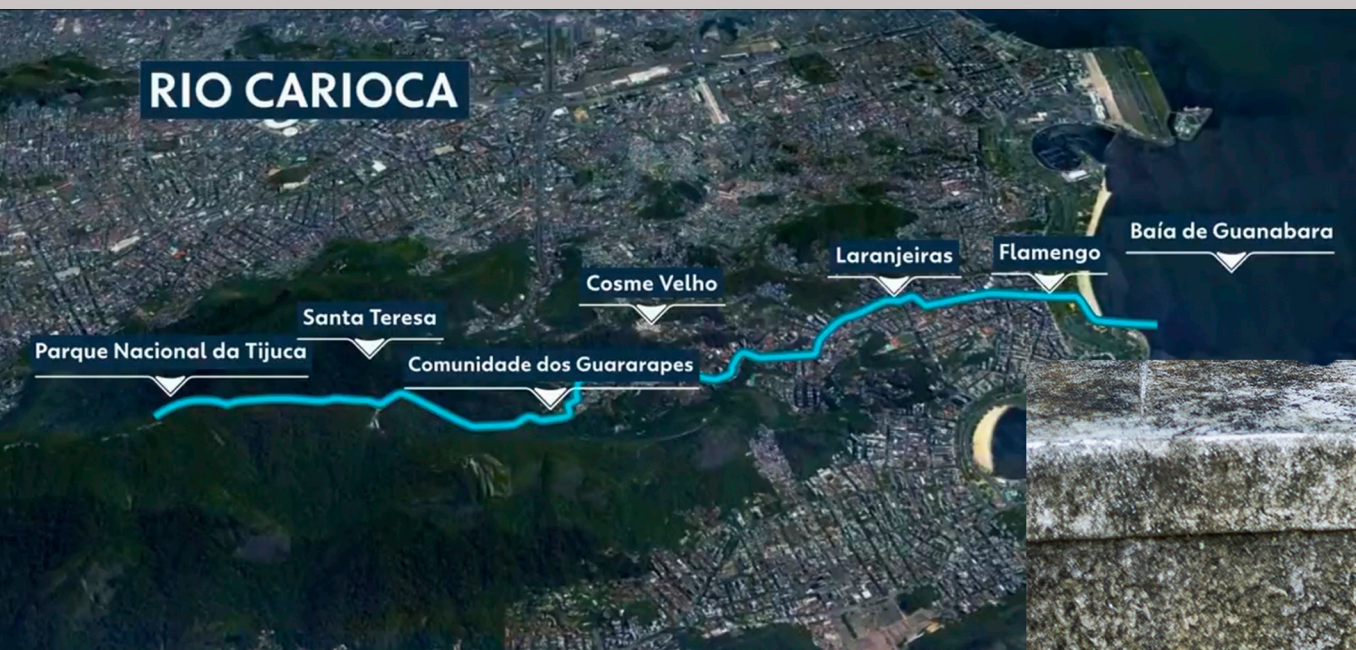
No Projeto KARI'OKA, Carlos Vergara vai a fundo nessa história. Quer ouvir a voz do rio que corre encanado por baixo desses trilhos e pelas ruas da cidade até desaguar na Guanabara.

O artista percorrerá o leito do rio e suas monotipias serão feitas em diversos pontos da cidade:

- Mãe D'água em Santa Teresa
- Rua Almirante Alexandrino
- Casa Roberto Marinho
- Largo do Boticário
- Ponto final Rua Cosme Velho
- Bica da Rainha
- Praia de Flamengo
- Chafariz do Mestre Valentim na Praça XV
- Chafariz na Glória

*"Sigo no embate com a tela tentando imprimir e pintar a voz desse rio que mesmo desviado, canalizado, enterrado e ressecado, continua a correr silencioso."*

Carlos Vergara



# CARLOS VERGARA

Na década 1950, Vergara transfere-se para o Rio de Janeiro, e, paralelamente à atividade de analista de laboratório, dedica-se ao artesanato de jóias, que são expostas na 7ª Bienal Internacional de São Paulo em 1963.

Nesse mesmo ano, volta-se para o desenho e a pintura, realizando estudos com Iberê Camargo (1914 - 1994). Participa das mostras Opinião 65 e 66, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM/RJ. Em 1967, é um dos organizadores da mostra Nova Objetividade Brasileira, que procura fazer um balanço da vanguarda brasileira. Atua ainda como cenógrafo e figurinista de peças teatrais. Nesse período, produz pinturas figurativas, que revelam afinidades com o expressionismo e a arte pop.

Durante a década de 1970, utiliza a fotografia e filmes Super-8 para estabelecer reflexões sobre a realidade. O carnaval passa a ser também objeto de sua pesquisa. Atua ainda em colaboração com arquitetos, realizando painéis para diversos edifícios, empregando materiais e técnicas do artesanato popular.

Em 1972, publica o caderno de desenhos *Texto em Branco*, pela editora Nova Fronteira. Durante os anos 1980, volta à pintura, produzindo quadros abstratos geométricos, nos quais explora, principalmente, tramas de losangos que determinam campos cromáticos. Desde o fim dos anos 1980, emprega pigmentos naturais e minérios, com os quais produz a base para trabalhos em superfícies diversas. Em 1997, realiza a série *Monotipias do Pantanal*, na qual explora o contato direto com o meio natural, transferindo para a tela texturas de pedras ou folhas, entre outros procedimentos.

'Prospectiva', 'ramo de estudo que visa à construção de projeções futuras' e o que se vê ao longe, foi a palavra escolhida para o título de sua última exposição individual no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM), com mais de 170 obras inéditas, o artista segue desafiando seu processo criativo retomando práticas desenvolvidas ao longo de cinco décadas de carreira, como os sudários - monotipias realizadas desde 2003, a partir de impressão em tecido de relevos e superfícies de diferentes locais.

CARLOS VERGARA

*prospectiva*

MARIA FORTUNA  
mariafortuna@oglobo.com.br

**C**arlos Vergara parece uma criança empolgada com um brinquedo novo quando fala de sua descoberta atual: um pigmento roxo, tirado de um caramujo que lhe trouxeram do Marrocos. A cor foi aplicada em vários quadros pintados na quarentena, agora pendurados nas paredes de seu ateliê, em Santa Teresa. Por ali também estão espalhados no chão centenas de pregos que o artista vem deixando oxidar sob sol e chuva, num processo que dará origem a outra tela. Há ainda um punhado de areia da Praia de Copacabana, que ele peneira sobre um painel azul. Prestes a completar 80 anos, em novembro, Vergara não para de criar.

— Eu e Bob Dylan chegamos aos 80 produzindo. Só nos abateu a tiro! — brinca, antes de soltar uma gargalhada. — Me sinto com 80 só quando tiro a camisa.

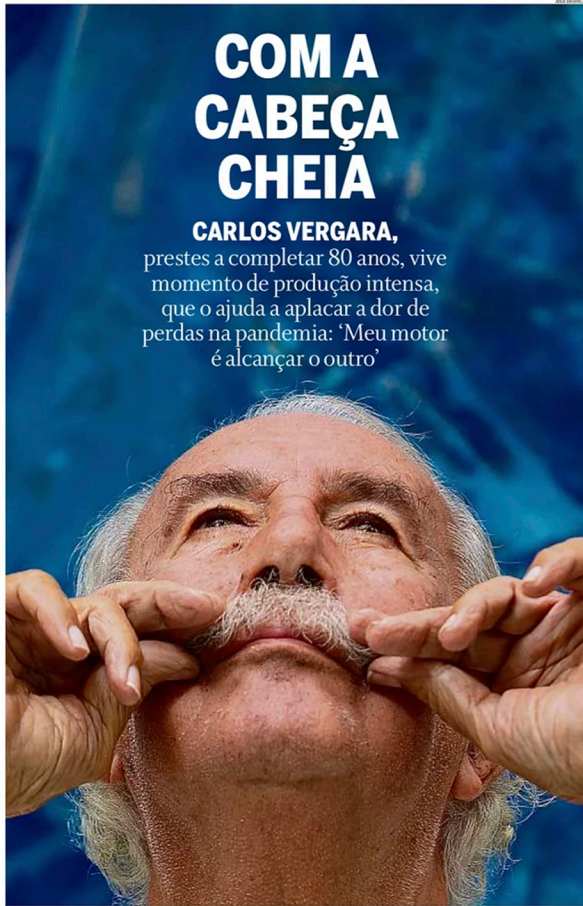
As novas obras serão vistas primeiro em Belo Horizonte, no Museu Ináia de Paula. Lá, darão o tom da novidade à exposição mais recente do artista, "Prospectiva", que estreou no MAM em 2019 e chega à cidade mineira em outubro, se a pandemia permitir. Mas, a partir de hoje, o Rio poderá conferir uma instalação inédita feita para a mostra "Nise da Silveira — A revolução pelo afeto", no CCB (leia mais na página 2). Vergara transformou em escultura uma grade original do presídio Frei Caneca, onde a psiquiatra ficou presa. Há ainda um filme, três aquarelas e uma foto de Vergara na mostra, que reúne obras de vários artistas.

Outra oportunidade de contato com sua arte é o livro "Carnaval-ritual", lançado pela Editora Colômbio. Nele, o professor Maurício Barros de Castro contextualiza a série de fotos "Carnaval" (1972-76), que Vergara produziu sobre o Cacique de Ramos durante a ditadura militar. O bloco, que na folia de 2020 sofreu tentativa de cancelamento considerada "estapafúrdia" por Vergara, traz ensinamento político poderoso.

**Q** "Eu e Bob Dylan chegamos aos 80 produzindo. Só nos abateu a tiro!" Me sinto com 80 só quando tiro a camisa"

"A pintura fala de vergar, é para se ver lentamente. Usamos o olhar para nos defender, de forma pragmática. É preciso dar ordens para que ele seja poético. Do contrário, morreremos olhando para não tropeçar nas cadeiras"

**Carlos Vergara**, artista plástico



## COM A CABEÇA CHEIA

**CARLOS VERGARA**, prestes a completar 80 anos, vive momento de produção intensa, que o ajuda a aplacar a dor de perda na pandemia: "Meu motor é alcançar o outro"

Se, no ano passado, trocou desenhos com artistas como Raul Mourão e Adriana Varejão (as correspondências viraram mote para a mostra "Enquanto"), agora, o contato com o mundo é via Instagram. Na rede, mostra seu processo criativo em vídeos produzidos por João, seu filho e braço direito. As reações não param de chegar. São mensagens de gente toda para sua obra e pela leitura de poemas que ele compartilha ("Li 'Do espiritual na arte', do Kandinsky, e achei que era o caso de dividir beleza nesse momento").

Indagado sobre o que o motiva a seguir criando, ele crava, rindo: "O tédio". Em seguida, fala sério.



Folia na rua. Cena de desfiles do Cacique de Ramos registradas por Carlos Vergara na série "Carnaval" que ganha livro da Editora Colômbio

**Obra.** Carlos Vergara em seu ateliê: "Ver além é o que faz da vida algo maior do que simplesmente respirar, comer e ir ao banheiro. No fundo, viver intensamente é tornar a vida interessante"

— Meu motor é alcançar o outro através de coisas sutis, como uma cor dentro de outra cor. É uma atividade profunda em que a habilidade manual é secundária porque ideias são mais importantes. A inspiração anda tão forte que o acordo no meio da noite. É quando surgem ideias para suas pinturas, detalhes que deverão ser apreciados com calma. Como ele faz quando o espectador e combina encontros silenciosos com um amigo para ver quadros nos museus.

— A pintura fala devagar. É para se ver lentamente. De nossos predicados, o olhar é o menos poético. Quando somos crianças, nossos pais repetem "cuidado com a escada, olha o degrau". Usamos o olhar para nos defender, de forma pragmática. É preciso dar ordens para que ele seja poético. Do contrário, morreremos olhando para não tropeçar nas cadeiras — alerta. — Ver além é o que faz da vida algo maior do que simplesmente respirar, comer e ir ao banheiro. No fundo, viver intensamente é tornar a vida interessante.

Mesmo diante da impossibilidade de viver intensamente por causa da crise sanitária, ele entrega mais motivos para ter esperança do que para ser pessimista. Se agarra ao que chama de "senteio-ouvitamina". Caso do trabalho com moradores de rua feito por Beatriz, sua

companheira. A casa onde funciona o projeto, aliás, foi comprada por Vergara com o dinheiro da venda de uma obra de Lygia Clark. — O horror da pandemia tem necessidade de sobreviver mentalmente bem e contribuir. O papel da arte é esse. Pessoas estão olhando para as paredes e podem achar algo que as incendeie. Como dizia Manoel de Barros: "Pintura são palavras que nos faltaram" — cita ele, que, quanto mais próximo da morte, mais vê a poesia. — A alma está ocasionalmente nesse corpo, mas pode estar em outra coisa, flutuar. Não sou só um salame que anda, tem mais coisa...

# CARLOS VERGARA

Em seu trabalho de monotípias, Vergara transpõe a pele do solo em lenços e pinturas em grande formato. O artista viajou por diversas partes do mundo carregando consigo pigmentos naturais e tecidos que lhe servem de suporte para a criação de suas "impressões do solo em muros", gravando formas, cores, paisagens, saturando determinadas superfícies com pigmentos para seu suporte artístico lançando mão simultaneamente de vários meios e técnicas combinando pintura, pigmentos naturais entrelaçando formas distintas de experimentar o visível. Regiões como São Miguel das Missões, São Thiago de Compostela, Salvador, Londres, Nova York, Turquestão, Pompéia, Capadócia já fizeram parte do mapeamento poético empreendido pelo artista.



Folia na rua. Cena de desfiles do Cacique de Ramos registradas por Carlos Vergara na série "Carnaval" que ganha livro da Editora Colômbio

# KARÍOKA

O Projeto KARÍOKA é subdividido em 3 etapas:

- Exposição KARÍOKA - Museu na cidade do RJ - Museu do Amanhã ou Museu MAR

- Documentário - Carlos Vergara e o Rio Carioca fazem parte da história do Rio de Janeiro e todo o seu percurso assim como sua história estão entrelaçados. O Doc conterà entrevistas exclusivas com o artista falando sobre sua trajetória artística, e em paralelo, o processo criativo da Exposição KARÍOKA.

- Livro com um registro impresso sobre o processo de criação da Exposição KARÍOKA



*"Eu queria ser banhado por um rio como um sítio é.  
Como as árvores são. Como as pedras são.  
Eu fosse inventado de ter uma garça e outros pássaros em minhas árvores.  
Eu fosse inventado como as pedrinhas e as rãs em minhas areias.  
Eu escorresse desembestado sobre as grotas e pelos cerrados como os rios.  
Sem conhecer nem os rumos como os andarilhos.  
Livre, livre é quem não tem rumo."  
Manuel de Barros:*



SOMART PRODUÇÕES ARTÍSTICAS

Sérgio Martins

contato@soma.art.br

(21) 99406-0626

ATELIÊ CARLOS VERGARA

João Vergara

Rua Progresso, 70 - Santa Teresa - RJ

joaovergara@gmail.com